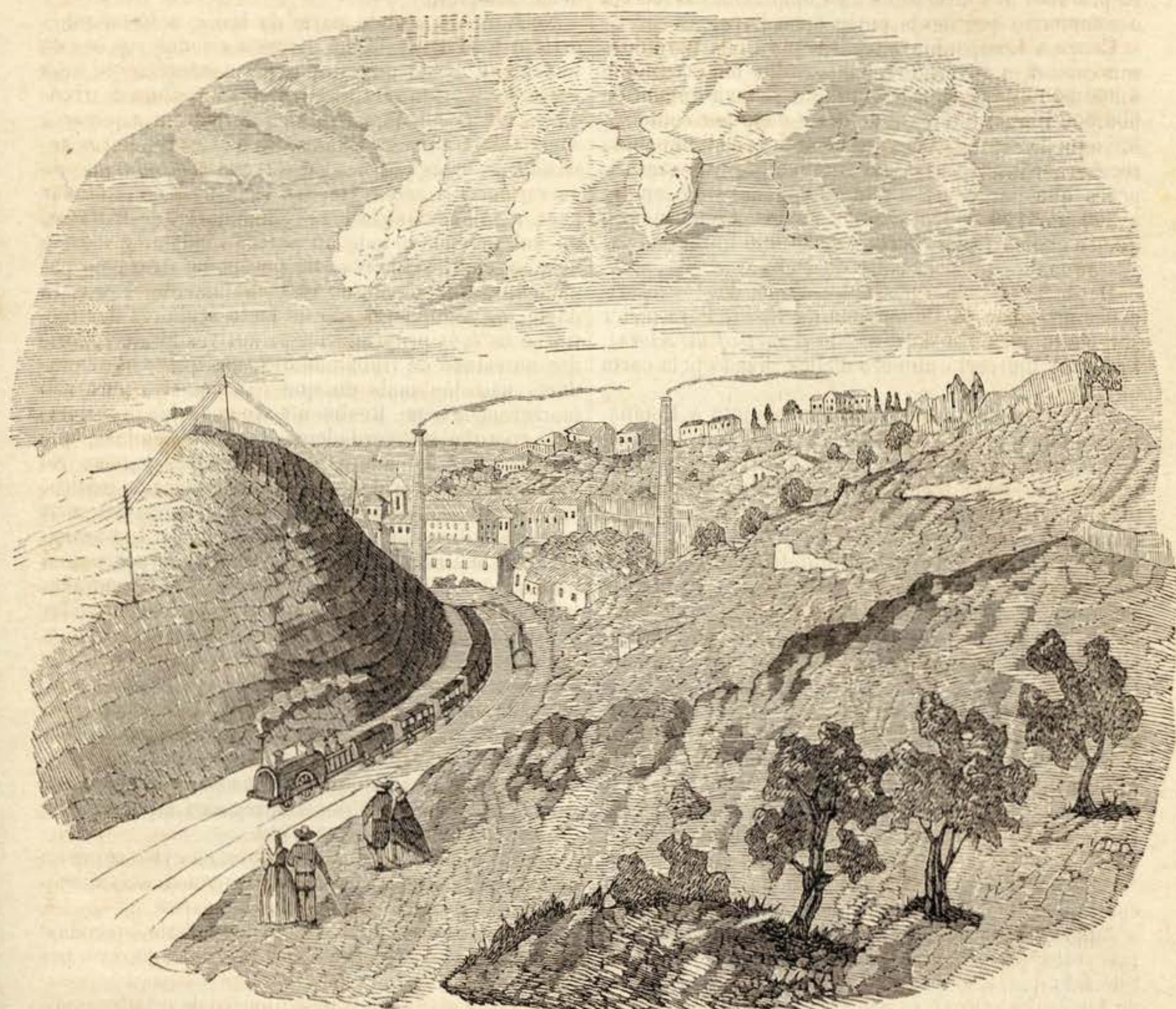


Caminho de ferro de Leste. Córte de Xabregas. — Desenho de Bordalo. — Gravura de Nogueira da Silva.

Damos o desenho da perspectiva que apresentava em setembro de 1857 a primeira trincheira, ou córte de terreno, que ha no caminho de ferro de Lisboa a Santarem. Começa a pouco mais de um kilometro da estação ou gare principal de Santa Apolonia, denomina-se trincheira de Xabregas, e é a maior de toda a parte da linha que está construida.

O ponto de vista é da altura proxima á calçada do Grilo, olhando para o poente, ou para o lado do valle de Chelas. A chaminé do lado esquerdo é a das machinas a vapor da fabrica do tabaco que occupa o antigo edificio do convento de Xabregas; e a do lado direito é a da fabrica denominada dos algodões de Xabregas: dois importantes estabelecimentos fabris, que dão grande animação a esta localidade. Ao longe vê-se uma porção do Tejo, limitada pelas ribas do Alfeite, quinta real na margem sul do mesmo rio.

N'outra occasião daremos mais alguns pormenores sobre a trincheira de Xabregas e suas dimensões, que são de grande escala, e pouco communs nas vias-ferreas da Europa.

C.

IMPERIO INGLEZ NA INDIA.

I.

Ha um seculo, pouco mais ou menos, alguns negociantes de Londres fizeram uma Companhia, e, com o favor d'uma patente de privilegio exclusivo, estabeleceram uma feitoria em Bengala. Como o paiz era infestado de ladrões, guardavam-na de noite com homens armados, que em pouco tempo chegaram ao numero de cem. Depois a Companhia obteve do principe local um terreno vasto em roda da feitoria. Ganhando assim mais segurança, alargou as suas fronteiras, e teve por isso que augmentar o numero dos seus homens armados.

O paiz estava dividido em grande numero de pequenos estados, que se faziam entre si guerra continua. Alguns principes vieram pedir auxilio aos inglezes, offerecendo-lhes em paga territorios. Outros suscitaram-lhes contendas, e obrigaram-n'os a combate. Foi por este caminho que a Companhia dos negociantes inglezes era, alguns annos depois, senhora de toda a provincia de Bengala.

O governo britannico teve que conhecer d'estes factos, e mesmo ajudar a Companhia, mandando-lhe tropas e embarcações. Em compensação d'este auxi-

lio, começou a intervir na administração dos vastos territorios tornados propriedade da Companhia.

Caducando a patente do privilegio em 1833, concedeu-lhe o governo uma nova, em virtude da qual se prohibiu aos directores da Companhia exercerem o commercio que desde então ficou livre.

Como a Companhia allegava que tinha perdido o seu capital, o governo reconheceu-lhe um credito de 6:000:000 libras, consignou-lhe a somma annual de 650:000 libras, interesse de dez e meio por cento sobre aquelle capital. Assim, os membros da Companhia receberam inscripções com similhante juro — inscripções que por causa d'esta vantagem estão sempre a 300 por 100 pouco mais ou menos. Constituem o que se chama *India Stock*. As 650:000 libras são pagas annualmente pelo cofre da India.

Desde 1834 todo o possuidor d'uma d'estas inscripções faz parte da Companhia da India. Para poder ser eleito membro da direcção *(court of directors)*, basta ter um certo numero d'ellas, fixado pela carta organica.

Pela nova carta foi estabelecida junto á Companhia uma repartição da coroa, chamada *board of control* (repartição de intervenção). A direcção da Companhia não póde transmittir ordens ao governador geral da India senão por intermedio d'essa repartição que, de facto, é um como ministerio que governa a India. Os directores não tem outro poder effectivo senão o de nomear para os empregos civis e militares, que é o que se chama *patronage*, podendo favorecer livremente parentes e amigos. Algumas vezes tem vendido empregos, ainda que não estejam auctorisados a isso. A unica vantagem que, depois da carta de 1834, os directores da Companhia conservam da sua antiga posição, é o exercicio d'este patronato. Podem exonerar o governador geral da India, quando o julguem conveniente; mas n'este caso a rainha propõe para o substituir tres pessoas, d'entre as quaes os directores devem escolher o novo governador geral.

A Companhia ingleza tem tido na India guerras continuas. Os principes visinhos, sem reconhecerem a superioridade nem a força dos europeus, tem muitas vezes procurado expulsal-a d'alli. O resultado tem sido que, não obstante as constantes ordens idas de Londres para que se não façam conquistas, os governadores geraes, um após outro, tem-se visto obrigados, para ter paz, a occupar os territorios dos incorrigiveis confinantes. É assim que o imperio britannico se tem estendido até observer o Lahore e o Scinde, e exercer influencia mui directa desde o Afghanistan até á Persia.

Na epocha em que os inglezes appareceram em Bengala, reinava em Delhi o *Grão Mogol*, titulo que Timour ou Tamerlão tomou quando conquistou a India, e seus successores conservaram.

Estes conquistadores mogoes eram musulmanos, e aspiravam á dominação de toda a India. Grande numero de principes suzeranos, tanto musulmanos como hindos, governavam seus estados com todo o grão de independencia que podiam obter, e uns aos outros se faziam cruas guerras. No tempo da chegada dos inglezes a corte de Delhi estava tão desmoralisada, que quasi não exercia nenhuma influencia nos paizes um pouco mais distantes. A India inteira estava em anarchia: ladrões e piratas a governavam livremente. Para ir d'um a outro logar, ou fosse por terra, ou pelos rios, era preciso ir em caravanas e comboios de grande força. Isto explica a facilidade da conquista britannica, que foi um beneficio para aquellas infelizes regiões.

II.

As receitas da Companhia da India subiram nos ultimos annos, de 650 a 700 milhões de francos(104 a 112:000 contos de réis) mais de metade producto do imposto territorial, e o resto, de contribuições indirectas, isto é, dos monopolios do opio, sal, alfandega, sêlo, etc.

Senhora de grande parte da India, a Companhia dividiu toda Bengala em diversas circumscripções de terreno, e acada uma impoz permanentemente uma parte de imposto territorial. Estes lotes foram arrendados a especuladores, que se obrigaram a pagar a somma determinada. Chamaram a estes rendeiros *zemindares*, e ás porções de terreno *zemindarias*, do persa, *haver* e *zemin* (terra). Em quanto o zemindar paga a somma fixada á sua zemindaria, desfructa-a, ou sub-arrenda-a toda ou parte, vende-a, e mesmo deixa-a em testamento. Se porém se atraza no pagamento, desapossam-no immediatamente. Em vista d'isto, os zemindares são de facto senhores das terras, e os seus proprietarios primitivos foram reduzidos ao estado de trabalhadores, aos quaes os zemindares não dão mais do que o necessario para não morrerem de fome. Realmente são mais que proprietarios; porque são verdadeiros senhores feudaes, que tratam os trabalhadores como bem lhes parece. No paiz ha sim auctoridades civis e tribunaes de justiça, ante os quaes todo o mundo é egual pela lei; mas estas garantias são mais que illusorias. Na India compram-se testimunhas, quantas se quer, a preço de 4 ou 5 tostões. D'ahi, ficar sempre o poderoso zemindar triumphante no tribunal a que o levam, seja qual for a exacção ou crime que tenha commettido.

Um rico e respeitavel hespanhol, que, expulso da America do sul pela insurreição, explorava uma fabrica de anil em Bengala, dizia: — «Fallam dos nossos escravos de Cuba; mas o que é a miseria d'elles comparada á d'estes pobres indios, que são meus escravos, e escravos dos meus criados, e escravos do zemindar, e escravos dos empregados do zemindar, e escravos dos seus criados?!»

Observaremos de passagem que os cypaes que ha pouco começaram a insurreição saiam d'estas manadas de infelizes escravos dos zemindares.

Nas outras presidencias, fóra de Bengala, arrendam as terras a quem mais dá, ou por um anno, ou por muitos annos.

Na India ainda ha grande numero de estados (mais de cento e cincoenta) grandes e pequenos, que não são governados directamente pelos inglezes. Deixam-os sob a administração de principes naturaes, mediante condições extremamente variadas. Ora o soberano indigena paga um tributo á Companhia, ora se obriga a obedecer-lhe. O mais ordinario é terem esses soberanos um corpo de tropas, organisado e commandado por inglezes, conservando a Companhia, além d'isso, junto de cada um d'elles um ministro residente. Não é preciso dizer que o residente é o verdadeiro governador do paiz. Em resumo, a independencia d'estes estados é inteiramente nominal, e só serve para tornar possivel aos chefes naturaes, e a seus empregados, o exercicio da rapacidade sobre as populações, e entreter no espirito d'estes meio-soberanos, e ministros, o desejo de chegarem a ser completamente independentes, sacudindo o jugo odioso dos estrangeiros.

III.

Desde que os ministros de Inglaterra se intrometteram no governo da India, travou-se lucta entre dois oppostos systemas. Os inglezes que não pertenciam á Companhia, e que nunca haviam estado na India, quizeram introduzir n'ella a instrucção e as sciencias, por meio de escholas publicas, e o christianismo com o favor dos missionarios. Os socios da Companhia, pelo contrario, desejavam conservar estas populações

de côr no *statu quo*. Os partidarios da reforma, fazendo parte do governo da corôa, levaram a palma. Fundaram-se estabelecimentos publicos de educação, que custam annualmente ao governo da India 360 contos de reis, além de 720 contos que as sociedades religiosas de inglaterra dão para sustentar lá perto de novecentos missionarios, que por sua parte tambem dirigem muitas escholas.

Estabeleceram a liberdade da imprensa. Em consequencia d'isso saíram á luz diversos jornaes em lingua indigena. Parece entretanto que o mais favorecido d'elles nunca pôde chegar a ter mil subscriptores.

Os indios nunca apreciaram estes beneficios, e só tem visto n'elles o plano feito pelos inglezes para os induzirem a abjurar suas religiões, e persuadil-os a abraçar o christianismo. Sobretudo, o ardente proselytismo dos missionarios, mais activo nos ultimos annos, que d'antes, tem excitado a indignação dos fanaticos.

Não obstante as continuas guerras que os tem occupado, os inglezes abriram um canal de irrigação, que nasce ao pé do Himalaya, chega até aos campos de Delhi, depois de ter percorrido 750 kilometros (150 leguas); e outro, chamado canal do Ganges, que parte de Hurdwar e acaba em Cawnpone, com um desenvolvimento de 1:500 kilometros (300 leguas). Sendo preciso fazer que as aguas d'este canal atravessassem a ribeira Solani, construiram para isso uma magnifica ponte de quinze arcos, cada um com cincoenta pés de abertura, que custou mais de 1:120 contos de réis.

Abriram uma grande estrada para carruagem, desde Calcuttá, por Benarés, Agra e Delhi, que deve terminar ao pé do Himalaya, com uma extensão de 2:400 kilometros (480 leguas) de que já tem construidos 1:600 kilometros. Estrada similhante está em construcção de Bombay a Agra, e tem já promptas 240 leguas. Ainda outra, de Calcuttá a Bombay, chega já a ter viaveis 50 leguas.

Tinham começado em fim uma grande rede de caminhos de ferro, cujas acções tem subido interesse garantido pelo governo. Já alguns centos de kilometros estavam em exploração.

Houve na India uma seita diabolica, conhecida pelo nome de *tug*. Os associados, ligados entre si pelo segredo, adoravam uma divindade infernal. O seu fim era commetter o maior numero possivel d'assassinatos e despojar as victimas. Tinham ramificações, e communicavam-se em todas e de todas as partes da India. Até muito depois do estabelecimento dos inglezes, exerceram suas crueldades. Mas em fim conseguiram, enforcando muitos centenares de tugs, destruir esta horrivel seita, que era grande calamidade para o paiz.

Similhantes factos justificam completamente as seguintes linhas d'um excellente livro *Les Anglais et l'Inde*, que acaba de publicar em Paris E. de Valbezen, consul geral de França em Calcuttá:

«De mais de sessenta annos a esta parte, a propriedade particular tem sido cousa sagrada na India ingleza; os millionarios tem podido assoalhar suas riquezas, sem sentirem tremer as cabeças sobre os hombros, facto inaudito na historia d'estas regiões longinquas, e que parece-nos é o mais bello panegyrico que se póde fazer da honrada administração da companhia.

«Conhecemos assaz o paiz para affirmar sem hesitação, que se o declamador póde achar assumpto para exercitar phrases bombasticas no facto da exploração de mais de cem milhões de hindos por um punhado d'europeus, o homem pratico deve reconhecer que a India possue hoje o governo mais honesto, mais esclarecido, mais justo, n'uma palavra, o melhor governo que nunca teve.» *(Continúa)*

O LEVIATHAN

Já no n.º 2 do *Archivo* démos um desenho representando este prodigio de construcção naval e da arte moderna. Apresentámos hoje um outro desenho em maiores proporções, posto que não tão detalhado, figurando o mesmo navio já fluctuante.

Alguem estranhará por ventura esta quasi repetição; é certo, porém, que ella deve ser relevada, pois se trata da empreza mais gigantesca que se ha tentado no mundo, excedendo tudo quanto podia imaginar-se n'este genero.

Para que se comprehenda, até certo ponto, a importancia d'esta colossal construcção, bastará recordar o que está escripto a pagina 12 do presente volume, accrescentando aqui sómente, como esclarecimento na realidade interessantissimo, que para lançar ao mar o monstruoso vaso, obra que ainda em relação a navios da maior capacidade conhecida, se realisa de ordinario em poucos minutos, foi mister gastar além de quantiosas sommas, algumas semanas de incessantes esforços, em que se pozeram por obra todos os recursos que a engenharia proporciona, empregando-se na operação muitas maquinas de enorme força, e innumeros braços.

Depois de repetidas tentativas, em que por vezes se chegou a desesperar do successo, no sabbado, 30 de janeiro, o *Leviathan* pareceu, quanto era dado á previdencia humana calcular, prompto a cair na sua linha de fluctuação; mas esse dia apresentou-se bastante tempestuoso, e os entendidos julgaram prudente adiar a conclusão do trabalho para o seguinte.

Com effeito, no domingo 31 á meia hora depois do meio-dia, tendo as aguas alcançado a maxima altura, prepararam-se algumas machinas hydraulicas para impellir o casco para o rio. Começaram ellas de feito funccionando, e com tanta regularidade de pressão, que em pouco tempo o fizeram adiantar 80 pollegadas.

Á hora e meia os maritimos que tripulavam os escaleres que, em immensa copia rodeavam o *Leviathan*, observaram que elle já não pesava sobre o berço, ou por outra, que fluctuava. Mas a transição foi tão gradual, que muitos só deram fé d'isto quando os vapores começaram a rebocal-o. Então da terra, dos barcos que coalhavam o rio, e dos navios fundeados levantaram-se clamorosos vivas, a que do convez do *Leviathan* corresponderam enthusiasticamente centenares de pessoas que n'elle iam.

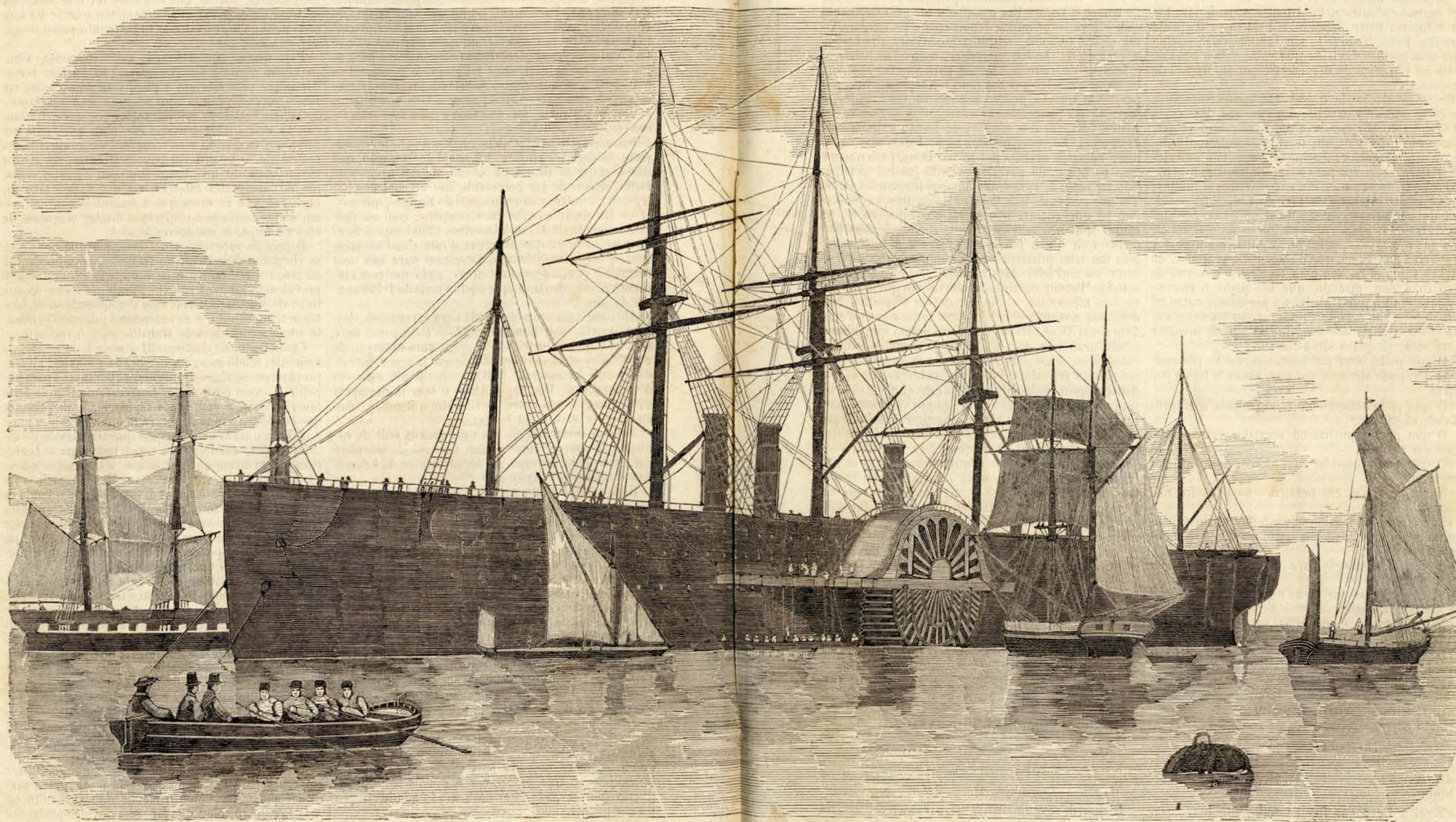
Até ao ancoradouro, em frente do Deptford, foi o *Leviathan* rebocado por quatro fortissimos vapores, dois á proa, e dois á pôpa. A travessia fez-se sem accidente notavel, a não ser o abalroamento de algumas barcaças e pranchadas que tinham servido aos trabalhos preliminares, obstaculo que se pôde remover immediatamente sem maior perigo. Ao fundear nas amarrações que o governo lhe destinára, os espectadores soltaram novas e estrondosas acclamações.

O *Leviathan*, quando começou a vogar, demandava quatorze pés de agua á prôa; ao fundear media 16 pés e meio á pôpa. e 14 pés e 11 pollegadas á prôa, proximamente o que se havia calculado.

Apesar dos esforços quasi incriveis que foi mister empregar para lançar ao mar esta maravilhosa machina, não se lhe notou o menor alquebramento.

O *Leviathan*, obra que fará sem duvida epocha nos fastos da industria, foi construido nas officinas e estaleiro de Mr. Scott Russell, e constitue indubitavelmente um dos mais indisputaveis titulos da proficiencia e engenho d'este abalisado constructor.

O *Leviathan* vae apparelhar para emprehender a primeira viagem; está calculado, porém, que só em quatro ou cinco mezes poderá ficar prompto a navegar. *P.*



O Leviathan — Gravura de Coelho.

APHORISMOS PARA REINANTES

Em uma das notas que o sr. A. F. de Castilho juntou ao seu excellente drama Camões lê-se o seguinte:

«Aphorismos mais guapos para reinantes não os ha, que esses que a rainha D. Catharina, viuva de D. João III, presentou a seu neto D. Sebastião, na vespera d'este assumir o governo, e os que o mesmo D. Sebastião deixou escriptos no seu memorial, e que segundo n'outra nota já tocámos, poderiam haver sido, em parte, suggeridos pela carta do poeta Ferreira. Fenelon em todo seu Telemaco não metteu mais nem melhor doutrina que esta; vale a pena de se ler na Chronica do mesmo rei, por D. Manoel de Menezes.»

Recommendação de pessoa tão competente deve por certo aguçar o appetite dos curiosos. Mas como a Chronica de Menezes seja um livro pouco vulgar, cremos nós fazer um bom serviço ao publico dando-lhe, n'este jornal, conhecimento dos tão gabados aphorismos, escriptos para governantes, mas que podem sel-o tambem para governados. São os seguintes:

«No monte Archivo da ilha de Chipre na sepultura de um principe d'aquelle reino foram achados uns versos em grego, que se enviaram a el-rei D. João III; e a rainha, pelos ouvir gabar muito, e ver o proveito e utilidade que d'elles podia proceder, no dia antes que el-rei seu neto tomasse o governo do reino lh'os deu, dizendo, que lhe pedia e encommendava muito, que trabalhasse por deixar outro tal epitaphio na sua sepultura, porque muitas vezes ouvíra dizer a el-rei seu avô, que só aquillo invejava n'esta vida, os quaes são assim:

«O que pude fazer por bem, nunca o fiz por mal.

«O que pude alcançar por paz, nunca o tomei por guerra.

«O que pude vencer com rogos, nunca o afugentei com ameaços.

«O que pude remediar em segredo, nunca o castiguei em publico.

«O que pude emendar com avisos, nunca o puni com açoutes.

«Nunca castiguei em publico, que primeiro não avisasse.

«Nunca consenti á minha lingua que dissesse mentira, nem permitti aos meus ouvidos que ouvissem lisonjas.

«Refreei meu coração para que não desejasse com o seu pouco.

«Velei por conservar meus amigos, e desvelei-me por não ter inimigos.

«Não fui prodigo em gastar, nem cubiçoso em receber.

«Do que castiguei tenho pesar, e do que perdoei alegria.

«Nasci homem entre os homens, portanto comem os bichos minhas carnes.

«Ouvi virtuoso, e vivi virtuoso com os virtuosos, portanto descançará minha alma com Deus.»

Memorial que el-rei fez por sua mão antes de receber o governo, do que determinava observar e fazer quando governasse, do que se colhe seu pio e santo zêlo:

«Terei a Deus por fim de todas as minhas cousas, e em todas ellas me lembrarei d'elle. Trabalharei por dilatar a fé de Christo para que se convertam todos os infieis. Favorecerei muito as cousas da egreja. Armarei todo o reino, fortifical-o-hei e reformarei. Defenderei (1) alfaias e delicias. Fazer mercês a bons, e castigar a máos. Não crer levemente, mas ouvir sempre ambas as partes. Fazer justiça ao grande e ao pequeno. Em me deitando e alevantando, conta com elle mui particular. Cuidar á noite no que fiz e fallei n'aquelle dia. Tirar as onzenas. Conquistar e povoar a India, Brasil, Angola e Mina. Todo o que me fallar deshonestidades, castigarei rigorosamente. Quando houver de fazer alguma cousa, communical-a primeiro com Deus. Tirar os peccados, mandando para isso homens lettrados, e que temam a Deus. Reformar costumes principiando por mim, no comer e vestir. Em o negocio ter primeiro conta com o bem commum, e depois com o particular. Tirar alguns tributos, e buscar modo para que Lisboa seja abastada. As leis, que fizer, mostral-as primeiro a homens de virtude e letras, para que me apontem os inconvenientes que tiverem. Levar os subditos por amor em quanto puder. Ser inteiro aos grandes, e humano aos pequenos. As commendas sirvam-se em Africa. Devaçar dos officiaes de justiça e de fazenda cada anno. Escrever a todos os prelados, que façam dizer missas e orações por mim a Deus, para que me guie no acerto do governo; e pedir jubileo ao papa. Não ter junto de mim senão homens tementes a Deus. Ter nos portos de mar homens de confiança, que vejam os que entram não sejam suspeitos na fé. As cousas que não entender bem, communical-as primeiro com quem possa dar parecer desenganado. Não dar nem prometter cousa alguma, que seja injusta, ou mal feita. Mostrar bom gosto e agasalhado a todos. Prover os cargos e officios em quem for para isso merecedor, e não por outros respeitos. Não desmaiar nas difficuldades, antes ter maior fé e confiança em Deus. Mostrar sempre animo mui liberal e não acanhado. Gabar diante de gente os homens cavalleiros, e mostrar aborrecimento ás cousas prejudiciaes á republica. Não dizer palavras que escandalisem, principalmente quando estiver agastado. Os meus embaixadores hão de ir sempre vestidos á portugueza. Em todas as cousas que fizer, terei sempre primeiro conta com a honra de Deus. Serei pae dos pobres e dos que não tem quem faça por elles.»

Este artigo ficaria por ventura incompleto, se não transcrevessemos tambem os prudentissimos conselhos que ao mesmo rei D. Sebastião deu seu aio D. Aleixo de Menezes em um discurso que lhe dirigiu na occasião da sua subida ao throno. Em outro numero o faremos; e então daremos tambem uma resumida noticia do inclito varão, a quem confiaram os primeiros annos do principe, e que na edade adulta d'este poderia ser-lhe tão proveitoso com sua consummada prudencia, a não haverem damnadas influencias que de tão uteis conselhos o desviassem.

D. MIGUEL SOTTO-MAYOR.

(1) Advertimos aos menos lidos que defender, aqui, é synonymo de prohibir.

VIDA DE LORD BYRON

POR MOORE.

(Estudo critico por Macaulay)

II.

É difficil sempre distinguir o caracter litterario de um homem que vive no nosso tempo, do seu caracter individual. É sobre tudo difficil fazer esta distincção com respeito a lord Byron. Será apenas prestar homenagem á verdade o dizer, que lord Byron nunca escreveu, sem fazer alguma referencia, directa ou indirecta, á sua propria pessoa. O interesse excitado pelos successos da sua vida mistura-se no nosso espirito, e provavelmente no da maior parte

dos nossos leitores, com o interesse que devia concentrar-se nas suas obras. Uma geração deverá passar ainda, para que seja possivel formar um juizo sincero dos seus livros, considerados meramente como livros. N'este momento não são livros, são reliquias. Vamo-nos aventurar todavia, embora com não fingido receio, a offerecer algumas rapidas observações sobre a sua poesia.

Foi seu destino apparecer no tempo de uma grande revolução litteraria. Aquella dynastia de poetas, que desthronára os successores de Shakspeare e Spencer, eram, pela sua vez, precipitados do throno por uma raça, que se presentava como herdeira da antiga linha, por tão largo espaço esbulhada pelos usurpadores. A indole verdadeira d'esta revolução não foi comprehendida, julgâmos nós, pela maior parte dos que concorreram para ella.

Em que differe especialmente a poesia do nosso tempo da poesia do ultimo seculo? Noventa e nove pessoas em cada cem vos hão de affirmar que a poesia do seculo passado era correcta, porém fria e mechanica, e que a poesia contemporanea, embora desordenada e irregular, apresenta mais vivas imagens, e excita as paixões mais energicamente do que a de Parnell, Addison, ou Pope. Do mesmo modo ouvimos sempre dizer que os poetas da epocha de Isabel possuiam muito mais genio, porém muito menos correcção, do que os da epocha da rainha Anna. Parece que se dá como assentado, que existe alguma incompatibilidade, alguma antithese entre a correcção e o poder creador. Nós mais depressa suspeitâmos que esta convicção dimana meramente de um abuso de palavras, que tem sido a origem de muitos d'esses sophismas que tornam confusa e embaraçada a sciencia da critica.

O que se entende por correcção em poesia? Se por correcção se entende a conformidade com as regras que se fundam na verdade e nos principios da natureza humana, então a correcção é só por outro nome perfeição. Se por correcção se entende a conformidade com regras puramente arbitrarias, a correcção poderá ter por nome monotonia e absurdo.

Um escriptor que descreve objectos visiveis falsamente, e viola a propriedade de caracter, um escriptor que faz as montanhas *nod their drowsy heads* ([1]) de noite, ou um moribundo despedindo-se do mundo com um furor similhante ao de Maximino, póde dizer-se, no superior e restricto sentido da palavra, que escreve incorrectamente. Infringe a primeira e suprema lei da sua arte. A sua imitação é totalmente differente da cousa imitada. Os quatro poetas que são mais eminentemente livres das incorrecções d'esta especie, são Homero, Dante, Shakspeare, e Milton. E são pois, em certo sentido e no melhor sentido, os poetas mais correctos.

Quando se diz que Virgilio, ainda que com menos genio do que Homero, era um escriptor mais correcto, que sentido se liga á palavra correcção? Entender-se-ha por isto que a fabula da Eneida é desenvolvida com mais primor do que a da Odysséa? que o romano descreve os espectaculos do mundo externo, ou as paixões do entendimento, mais exactamente do que o grego? Que os caracteres de Achates e Mnestheo estão mais delicadamente definidos, e mais logicamente sustentados do que os de Achilles, Nestor ou Ulisses? O facto incontestavelmente é que, por cada infracção das leis fundamentaes da poesia que se póde encontrar em Homero, é facil achar vinte em Virgilio.

Troila and Cressida é por ventura de todas as obras dramaticas de Shakspeare a que geralmente se considera mais incorrecta. Comtudo parece-nos a nós infinitamente mais correcta no verdadeiro sentido da palavra, do que aquellas que denominam as mais correctas obras dramaticas dos mais correctos dramaturgos. Comparemol-a, por exemplo, com a Iphigenia de Racine. Estamos certos que os gregos de Shakspeare possuem uma maior similhança do que os gregos de Racine com os verdadeiros gregos que cercaram Troya: e por esta razão; é que os gregos de Shakspeare são entes humanos, e os gregos de Racine são nomes, meras palavras escriptas em maiusculo no principio dos paragraphos de declamação. Racine, é verdade, que estremeceria com a idéa só de fazer que um guerreiro no cêrco de Troya citasse Aristoteles. Porém de que vale fugir de um simples anachronismo, quando toda a tragedia é um só anachronismo, os sentimentos e phrases de Versailles no campo de Aulida?

Pelo sentido que agora damos á palavra correcção, nós suppomos que sir Walter Scott, mr. Wordsworth, mr. Coleridge são poetas muito mais correctos do que aquelles que classificam ordinariamente como modelo de correcção, Pope, por exemplo, e Addison. Nós suppomos, por exemplo, que a descripção de uma noite de luar na *Illiada* de Pope contém maiores inexactidões, do que se hão de encontrar na «*Escursion.*» Não ha uma unica scena de *Catão*, na qual tudo quanto produz a illusão poetica, a propriedade de caracter, de linguagem, de situação, não esteja mais summariamente infringido, do que no «The Lay of the Last Minstrel.» Nenhum homem póde verosimilmente pensar que os romanos de Addison se assimilhem tão exactamente aos verdadeiros romanos, como os bandoleiros de Scott se assimilham aos verdadeiros bandoleiros. Wat Tinlinn e William of Deloraine eram, são seguramente personagens de tanta dignidade como o Catão. Porém a dignidade das pessoas tem tão pouco que ver com a correcção da poesia, como com a correcção da pintura. Nós preferimos uma cigarra de Reynolds ao retrato de sua magestade n'uma taboleta, e um fronteiro de Scott a um senador de Addison.

Em que sentido, pois, é usada a palavra correcção por aquelles que dizem, com o auctor dos «Pursuits of Litterature» que Pope era o poeta inglez mais correcto, e que a Pope se seguia o fallecido mr. Gifford? Qual é a natureza e a valia d'aquella correcção, que nega louvores a *Macbeth*, a *Lear*, e a *Otello*, e os concede ás traducções de Hoole e a todos os poemas que concorrem a premio em Seatonian? Não podêmos descobrir qualquer regra eterna, fundada na razão e na natureza das cousas, que Shakspeare não observe muito mais exactamente do que Pope. Porém, se por correcção se entende o escrever, seguindo essas prescripções que são indulgencias para com o *mala in se*, e multiplicam sem uma sombra de razão, o *mala prohibita*; se por correcção se entende a rigorosa observância de certos ceremoniosos preceitos que não são mais essenciaes á poesia, do que a etiqueta é a um bom governo, ou que as lavagens de um phariseo á devoção, então, certamente, Pope póde ser um poeta mais correcto que Shakspeare; e, se o codigo fosse um pouco alterado, Colley Cilber poderia tornar-se um poeta superior ao proprio Pope. Porém póde duvidar-se se este genero de correcção é ou não um merito, e mais ainda, se não deve considerar-se um erro capital.

Poderia tornar-se chistoso fazer uma collecção das leis absurdas que os máos criticos formularam para o governo dos poetas. A primeira, pela celebridade e pela extravagancia, é sem duvida a das unidades dramaticas de tempo e logar. Não houve creatura humana ainda, que fosse capaz alguma vez de encontrar cousa que podesse, mesmo por cortezia, denominar-se argumento em favor d'estas unidades, a não ser, o dizerem que se derivam da pratica geral dos

([1]) «Escabecear como as cabeças com somno.»

gregos. Não se exige um profundo exame para reconhecer que os dramas gregos, frequentemente admiraveis como composição litteraria são, como representação de caracter e da vida humana, muito inferiores aos dramas inglezes do seculo de Isabel. Qualquer estudante não ignora que a parte dramatica das tragedias athenienses está primeiro que tudo subordinada á parte lyrica. Teria sido, entretanto, pouco menos do que um grande milagre, que as leis do theatro atheniense podessem applicar-se a dramas em que não ha côro. As obras primas mais notaveis da arte dramatica foram compostas em opposição directa ás unidades, e nunca poderiam haver sido executadas, se assim não fosse. É claro, por exemplo, que um caracter tal como o de *Hamlet* não poderia desenvolver-se dentro dos limites, a que Alfieri se sujeitou. Todavia era tal o respeito que os homens de letras do seculo passado prestavam ás unidades que Johnson, que, por honra sua, seguira o partido opposto, ficou, como elle diz algures, atterrado da sua propria temeridade, e duvidoso se podia resistir ás auctoridades que poderiam ser contra elle adduzidas.

São infinitas as outras regras do mesmo valor e quilate. Shakspeare, diz Rymer, não deveria ter feito Otello preto, porque o heroe de uma tragedia costuma ser sempre branco. Milton, assegura outro critico, não deveria ter escolhido Adão para seu heroe, porque o heroe de um poema epico deve sempre acabar triumphante. Milton, diz outro, não deveria ter enriquecido com tantas imagens o seu primeiro canto, porque o primeiro canto de um poema deve ser sempre o menos pomposo. No primeiro canto da «Illiada» não ha imagens. Milton, exclama outro, não deveria ter mettido n'um poema epico versos como este: «While thus I called and strayed I knew not whither » (1) E porque não? O critico continúa adduzindo uma razão primorosa. «Taes versos não são, confessamol-o, desagradaveis, ao ouvido, mas as syllabas redundantes costumam ser exclusivamente empregadas no drama, e nunca foram admittidas na poesia epica. A syllaba redundante n'um poema heroico em assumpto grave foi, desde o tempo de Pope em diante, proscripta pelo geral consenso de todas as escholas que tomam a correcção por timbre. Ninguem poderia admittir uma estrophe tão incorrecta como a de Drayton:

«As when we lived untouch'd with these disgraces
When as our kingdom was our dear embraces.» (2)

Ha outra lei que foi prescripta para o poema heroico, e considerada, durante estes cincoenta annos devolvidos, como fundamental: foi que se fizesse uma pausa, ao menos como de virgula, no fim de cada estrophe. Tambem se decidiu que nunca se podesse fazer uma pausa longa senão no fim de um verso. Lembra-nos ter ouvido as pessoas que se applaudiam da correcção de seu gosto, accusar de incorrecta a graciosa e suave passagem, que começa:

«Such grief was ours, it seems but y esterdai:
When in thy prime, wishing so much to stay,
T'was thine, Maria, thine without a sigh
At midnight in a sister's arms to die.» (3)

Sir Roger Newgate julga-se completamente no direito, cremos nós, de ser tido como um dos grandes criticos d'esta eschola. Pois este cavalheiro no premio de poesia que fundou em Oxford, estabeleceu que nenhum dos poemas escriptos para concorrer a elle, havia de exceder o numero de cincoenta versos. Esta lei parece-nos ter, pelo menos, tanto fundamento na razão, como qualquer das que temos mencionado: toda a gente estará longe de dissentir da idéa, de que o poema proposto a premio será tanto melhor, quanto for mais curto.

Não podêmos comprehender por que motivo qualquer homem não terá o direito de inventar regras do mesmo genero; porque não poderiamos ordenar, por exemplo, que o numero das scenas em cada acto fosse tres ou um multiplo de tres: que o numero de versos em cada scena podesse ser um quadrado exacto, que o *dramatis personae* fosse mais ou menos de dezeseis, que, nos versos heroicos, em cada trinta podesse haver um de doze syllabas. Se nós formulassemos estas regras accusassemos Pope, Goldsmith, e Addison de escriptores incorrectos, por não haverem observado os nossos caprichosos preceitos, obrariamos exactamente como os criticos que acoimam de incorrectas as grandiosas imagens e a variada harmonia que se encontra em Coleridge e Shelley.

Esta correcção, que o seculo passado tanto apreciava, assimilha-se, a final, á correcção do jardim do Eden, que temos visto desenhado nas velhas biblias. O Eden é um quadrado perfeito, rodeado de todos os lados pelos rios Pison, Gihon, Hiddehel, e Euphrates, adornados cada um com sua ponte commoda; com quadros rectangulares de flores, e atravessado por um comprido canal nitidamente construido com gradarias aos lados. A arvore da sciencia, tosqueada como as tilias que florecem nas Tuillerias, está no centro da grande rua, tendo a serpente enroscada no tronco: o homem fica á direita, a mulher á esquerda, e os animaes enfileiram-se em perfeito circulo á roda de ambos. É evidente que, debaixo de um certo ponto de vista, a pintura é realmente correcta: ou, para melhor dizer, os quadrados e os circulos são correctos; o homem e a mulher formam com a arvore uma linha parallela por extremo correcta, e a serpente cinge a arvore desenvolvendo-se n'uma correctissima espiral.

Se houvesse um pintor por tal arte inspirado, que podesse debuxar na tela aquelle glorioso paraiso, concebido pelo olho interior do homem, cuja vista corporal se havia apagado nas longas vigilias e trabalhos em prol da liberdade e da verdade; (1) se houvesse um pintor que podesse collocar diante de nós as margens sinuosas de um rio de saphiras, o lago bordado de viçosas moitas, as grutas meio-occultas entre as folhas dos vinhedos, as florestas mostrando pendidos fructos de ouro das Hesperides, e sobre os ramos divisando-se a plumagem de brilhantes passaros, e a sombria espessura do retiro nupcial, deixando cair brandamente as rosas sobre os amantes adormecidos; que pensariamos nós de um contendedor que nos dissesse que esta pintura, embora mais bella que a absurda pintura da velha biblia, não era comtudo tão correcta? Certamente que teriamos o direito de lhe redarguir: é conjunctamente mais bella, e mais correcta: e é mais bella exactamente, por ser mais correcta. Não é executada em vista de um desenho correctamente desenvolvido; porém é uma pintura correcta, porque traduz appropriadamente aquillo que se propoz representar.

(Continúa)

L. de M.

Explicação do enigma do numero antecedente

O homem que semêa sempre colherá.

(1) Em quanto eu chamava, e divagava sem saber por onde.

(2) Como quando vivemos sem nos precipitar n'essas vergonhas:
Quando como o nosso reino são os nossos extremosos abraços.

(3) Tal era a nossa magoa: parece-me que ainda foi hontem. Quando tu, no verdor da mocidade, tanto desejavas ficar. Foi a tua sorte, Maria, a tua sorte foi, sem um suspiro, morrer, á meia noite, nos braços de tua irmã.

(1) Mr. Macaulay allude á descripção do paraiso no *Paraiso Perdido* do immortal Milton.

LISBOA — Typographia de Castro & Irmão, Rua da Boa-Vista, 4 P